

**Desigualdades raciais e saúde:  
questões sobre o processo de racialização**  
Racial inequalities and health:  
questions concerning the racialization process

Simone Monteiro <sup>1</sup>  
Livio Sansone <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz,  
Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

**Correspondência**

S. Monteiro  
Departamento de Biologia, Instituto Oswaldo Cruz,  
Fundação Oswaldo Cruz. Av. Brasil 4365,  
Rio de Janeiro, RJ 21045-900, Brasil.  
msimone@ioc.fiocruz.br

A resenha de Isabel Cristina Fonseca Cruz (*Cad Saúde Pública* 2004; 20:1767-9) destaca o propósito dos organizadores da coletânea *Etnicidade na América Latina: Um Debate sobre Saúde e Direitos Reprodutivos* <sup>1</sup>, qual seja, incrementar a reflexão sobre as interfaces entre “raça”, etnicidade, saúde e desigualdades sociais, a partir das ciências sociais e da saúde, realçando a originalidade e qualidade dos trabalhos. Ademais reconhece que o objetivo do livro foi o de conjuar a visão de profissionais oriundos de instituições acadêmicas e de movimentos sociais.

No entanto, na qualidade de organizadores da coletânea, faz-se necessário ressaltar dois pontos. O primeiro, diz respeito a um equívoco de interpretação da autora da resenha em relação ao capítulo de Marcos Chor Maio <sup>2</sup>, intitulado *Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil: Um Debate sobre o Pensamento Higienista do Século XIX*. Cruz afirma que Maio “*extrai argumentos históricos para fundamentar que os médicos estiveram comprometidos com projetos políticos racistas, como por exemplo, a incentivo [sic] da imigração européia em detrimento da inclusão da mão-de-obra negra no sistema capitalista emergente*” (p. 1768). Esta, na verdade, é a perspectiva adotada por Sidney Chalhoub, em seu livro *Cidade Febril* <sup>3</sup>, criticada por Maio em face da abordagem reducionista do historiador no que tange às relações entre pensamento médico, interesses de classes sociais, ideologias raciais e políticas de saúde pública. Para Chalhoub, o higienismo teve um papel central na configuração de um quadro racializado no âmbito das políticas de saúde pública, expresso pela dicotomia: enfrentamento da febre amarela (“*doença dos imigrantes brancos*”) versus indiferença à tuberculose (“*doença dos negros*”). Logo na terceira página do capítulo, Maio <sup>2</sup> (p. 17-8) revela a autonomia do pensamento médico-sanitário a-racialista, em face ao mundo dos interesses, argumentando que “*diferentemente de Chalhoub, (...) nas duas primeiras décadas do século XX, momento em que explode o debate sobre saúde pública, o higienismo – assentado em princípios da bac-*

*teriologia e da microbiologia – manteve elos de continuidade com o ideário neo-hipocrático do século XIX no Brasil, particularmente no que tange à recusa a chaves explicativas de natureza racial*”. Ao propor um debate historiográfico, não resta dúvida que Maio relativiza a perspectiva racializada na esfera da saúde pública, diferente do que foi assinalado por Cruz.

O segundo ponto crítico da resenha refere-se à utilização da frase “*expressão do pensamento do grupo étnico hegemônico*” (p. 1768) na abordagem dos capítulos de Peter Fry <sup>4</sup> (*As Aparências que Enganam: Reflexões Sobre “Raça” e Saúde no Brasil*) e de Mônica Grin <sup>5</sup> (*Políticas Públicas e Desigualdade Racial: Do Dilema à Ação*). Como não há qualquer argumento substantivo na resenha que justifique tal atribuição aos trabalhos em tela, esta qualificação adquire um tom de *categoria de acusação* e, desta forma, não contribui para o enriquecimento da discussão acerca das inter-relações entre assimetrias raciais, desigualdades sociais e os agravos à saúde no Brasil.

A visibilidade adquirida pela temática das relações raciais no âmbito científico e político, em anos recentes, tem revelado posições distintas sobre as estratégias de enfrentamento das desigualdades raciais no contexto brasileiro. Tais enfoques são, sem dúvida, um estímulo à continuidade do debate, a despeito das diferenças.

1. Monteiro S, Sansone L, organizadores. *Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2004.
2. Maio MC. Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: Monteiro S, Sansone L, organizadores. *Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2004. p. 15-44.
3. Chalhoub S. *Cidade febril*. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.
4. Fry P. As aparências que enganam: reflexões sobre “raça” e saúde no Brasil. In: Monteiro S, Sansone L, organizadores. *Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2004. p. 121-35.
5. Grin M. Políticas públicas e desigualdade racial: do dilema à ação. In: Monteiro S, Sansone L, organizadores. *Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2004. p. 331-44.

Recebido em 24/Jan/2005

Aprovado em 27/Jan/2005